



## ***The Office – O Mock-Documentary Seriado***<sup>1</sup>

Túlio Franco da Mata Heitor<sup>2</sup>

Letícia Passos Affini<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

### **RESUMO**

O termo *mock-documentary*<sup>4</sup> refere-se a um formato audiovisual que trabalha com a noção de falso documentário. Pode ser caracterizado como um gênero de cinema e televisão que trata a história ficcional com características de não-ficção, ou seja, utiliza-se dos códigos e convenções do documentário para desenvolver uma trama onde a sensação de realidade é essencial. Este artigo faz uma análise das configurações do *mock-documentary* na narrativa seriada, que se destacam, na televisão norte-americana, através da comédia *The Office*.

**PALAVRAS-CHAVE:** audiovisual, *mock-documentary*; *office*; seriado, realidade.

### **1- Roteiro de Documentário: Explicação Sob o Olhar de Puccini**

Sendo o *mock-documentary* um gênero que utiliza dos códigos do formato documentário, se mostra interessante certa contextualização desse importante alicerce, inclusive a análise de seus processos de realização, onde entram em cena tais convenções. A narrativa documentária refere-se a um gênero cinematográfico que mistura, em seu formato, imagens de acontecimentos reais, entrevistas, vídeos de arquivo, imagens de ficção, textos e sons para constituir uma idéia, seja de essência crítica, expositiva, histórica, biográfica, entre outras; sobre algum tema. Representa um modo de narratividade audiovisual que difere da ficção no modo de constituição de suas etapas: pré, pós e produção. Seu roteiro já denota uma falta de controle por parte do cineasta. Apesar de, no processo de pré-produção, ser necessária a estruturação de um guia para a realização do produto a fim de passar a idéia pretendida, a configuração final dessa idéia depende do que acontecerá nas filmagens (não há previsão total, como no

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – GP Televisão e Vídeo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Mestrando do Curso de Comunicação Social da FAAC-UNESP, email: [tulioheitor@gmail.com](mailto:tulioheitor@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da FAAC-UNESP, email: [affini@faac.unesp.br](mailto:affini@faac.unesp.br)

<sup>4</sup> Gênero audiovisual de falso-documentário.



filme de ficção) e da edição final do que se tem em mãos. Como observa Puccini (2009, p.16):

A atividade de roteirização em documentário é a marca desse esforço de aquisição de controle de um universo externo, da remodelação de um real nem sempre prenehe de sentido. Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim.

Após a definição do tema, pesquisar sobre o assunto se torna fundamental para a extração total do que se quer abordar, além de garantir que informações falsas não entrem no conteúdo do produto. Assim, diversas fontes servirão para o enraizamento da idéia passada: material de arquivo, pré-entrevistas, pesquisa de campo, entre outras. Fazendo uma aproximação com o roteiro de ficção, definir fatores como personagens, espaço, tempo e conflito se mostra importante. A estrutura, apesar de não apresentar-se como no roteiro de ficção, é relevante para a constituição do esqueleto do produto. Sobre isso, Hampe afirma:

Um documentário normalmente não possui a estrutura em três atos típica dos roteiros de filmes de ficção, com seus pontos de virada, obstáculos e outros elementos estruturais utilizados para avançar a trama. Mas o documentário também enfrenta a mesma necessidade estrutural, que é a de despertar e manter o interesse do espectador desde o início, passando pelo longo desenvolvimento do meio até a resolução e encerramento do fim. (HAMPE apud PUCCINI, 2009, p.51)

Após a realização de todas as tarefas na fase de pré-produção (roteiro, pesquisa, cronograma de filmagens, contatos, etc) é chegada a hora de capturar novas imagens. Entra-se na fase de produção em si. Utilizando o primeiro roteiro estruturado como guia, são realizadas as filmagens previamente pensadas. Para produtos que abrangem as situações de entrevista, são escolhidos cenário, figurino, iluminação, ângulo de câmera, entre outros aspectos. Quando a gravação de eventos encenados é a principal base da obra, o roteiro é totalmente controlado, determinando espaço, tempo, personagem, conflito e ação. Mas quando a abordagem da realidade é o elemento mais explorado, o que preenche o filme são imagens gravadas sem roteiro, a cobertura de eventos autônomos, contando também com o acaso para enriquecimento do material gravado. Acerca disso, Edgar Moura diz:



Num documentário, só olhe as pessoas. Esqueça o quadro, a composição e a arte. Concentre-se nas pessoas e preste toda a atenção do mundo ao que elas estão dizendo; você está lá para isso: ver, ouvir e reagir ao que estiver acontecendo de verdade. (MOURA apud PUCCINI, p.80)

Finalizado o processo de captação de imagens, o documentário encontra sua fase final: a pós-produção. Nesse estágio, o cineasta precisa editar seu produto, ou seja, montá-lo segundo seus recursos. Para isso, tem em mãos as imagens captadas no processo de produção, constituídas por entrevistas, encenações e cobertura de eventos autônomos; imagens de arquivo (vídeos caseiros, sonoras antigas, entre outros); além de novos fatores em disposição, como narração e textos. O roteiro previamente estruturado na fase de pré-produção serve de guia no processo de montagem, mas não deve ser um limitador à criatividade do cineasta. Ou seja, no processo de edição, mudanças no esqueleto original do documentário são bem-vindas, tudo para garantir a melhor abordagem possível do tema proposto. Por fim, o resultado é um produto documentário apresentando a abordagem de um tema, construída através de diversos recursos que o audiovisual disponibiliza e que enriquecem a obra final.

## **2 – *Mock-Documentary***

### **2.1 - A Instituição da Realidade**

O formato *mock-documentary* pode ser caracterizado como um gênero de cinema e televisão que trata a estória ficcional com características de não-ficção, ou seja, utiliza-se de elementos do documentário - como entrevistas, imagens de arquivo e olhar direcionado à câmera - para desenvolver uma trama onde a sensação de realidade é essencial. Para Roscoe e Hight (2001, p. 2) esta definição está especificamente limitada aos textos de ficção que se esforçam para enquadrar suas características aos códigos e convenções do formato convencional de documentário. De fato, o aspecto do documentário geralmente parece se tornar meramente um dos muitos estilos utilizados pela ficção dentro de um complexo contexto audiovisual, político e social; o *mock-documentary* para os autores parece ter surgido como uma reação ao status privilegiado do documentário em si. O termo *mock* é um verbo da língua inglesa, na verdade, *to mock* que significa zombar ou ridicularizar e que também é traduzido como simulado ou falso, estes dois últimos melhor representam o que o termo vem significar. *Documentary* é um substantivo masculino escrito também em língua inglesa e que cognitivamente significa documentário. Daí o termo que se conhece hoje como falso



documentário. O *mock-documentary* não somente utiliza-se dos códigos de documentário como constrói um relacionamento particular com o discurso factual. Para os estudiosos o status cultural do documentário é efetivamente desafiado pelo desenvolvimento do *mock-documentary* sendo um e a mesma coisa, já que no cinema ou no documentário a relação entre imagem/gravação tem por certo uma realidade. Há diversas formatos de documentário, ou formatos que se confundem com este, que podem facilmente causar confusão com o termo e o que representa *mock-documentary*, sendo um destes o drama-documentário. Na verdade, este tenta posicionar-se o mais próximo de eventos históricos ou pessoas reais. Segue a sequência de eventos de uma ocorrência histórica real. A percepção da proximidade entre a sua apresentação e os eventos reais sustenta essa versão. Esse gênero usa o drama para encobrir qualquer lacuna na narrativa e pretende provocar debate sobre eventos significantes. Contudo, a diferenciação entre drama-documentário e *mock-documentary* se mostra no fato de o primeiro utilizar-se apenas de simulação – já que, obviamente, retrata um fato histórico – enquanto o segundo almeja utilizar a ficção para criar uma realidade absoluta, onde a intenção da obra é parecer real totalmente, como se fosse um documentário “ao vivo” sobre o assunto.

## 2.2 – O *Mock* no Cinema

Quando comparado à sétima arte, o formato *mock-documentary* é jovem. Apesar da falta de concordância sobre sua origem, um dos primeiros filmes é de oitenta e três. Por outro lado, também é possível destacar exemplos da última década:

### A) *Zelig*

Woody Allen capta imagens em preto e branco, como se fossem antigas filmagens caseiras, dando a impressão que o personagem *Zelig* realmente existiu. Repete a estética de "Um Assaltante Bem Trapalhão". Lançado em 1983.

### B) *This is Spinal Tap*

Feito como se fosse um documentário real, mostra com muito humor a primeira excursão americana da banda de *hard rock*<sup>5</sup> inglesa *Spinal Tap*. Durante a turnê tudo dá errado, shows são cancelados, eles vão a lugares errados, os instrumentos não

---

<sup>5</sup> Do inglês “rock pesado”, é um estilo musical subgênero do rock muito popular na década de 80



funcionam. Uma comédia dirigida por Rob Reiner, que virou *Cult*<sup>6</sup> ao longo dos anos. De 1984.

C) A Bruxa de Blair

Três estudantes de cinema se embrenham nas matas de Maryland para fazer um documentário sobre a lenda da tal bruxa e desaparecem misteriosamente. Um ano depois, uma sacola cheia de rolos de filmes dá uma pista do que aconteceu com eles. Uma campanha de marketing prévia lançou uma série de boatos na internet, ajudando a reforçar o mito. Escrito e dirigido por Daniel Myrick e Eduardo Sánchez. Foi lançado em 1999.

D) *Cloverfield*

Um grupo de amigos comemora o aniversário de um deles num apartamento em Manhattan, quando um monstro ataca a cidade, causando pânico. Tudo é gravado pela câmera de vídeo deles (recurso do filme que o caracteriza como *mock-documentary*), que é encontrada pelo departamento de defesa na área onde "ficava o Central Park". Dirigido por Matt Reeves. Lançado em 2008.

E) Atividade Paranormal

Um casal jovem decide gravar com uma câmera, suas noites de sono, para tentar captar alguma evidência de atividades paranormais na casa. As aparições acompanham a moça desde a infância e agora começam a perturbar a vida do casal. Filme supostamente feito com orçamento de 15 mil dólares caminha para uma parte dois. De Oren Peli rendeu quase 200 milhões em 2007, no ano de estréia.

F) *Borat*

Sacha Baron Cohen é o segundo melhor repórter do glorioso país Cazaquistão, que viaja à América para fazer um documentário sobre seu decadente estilo de vida. Politicamente incorreto, é uma sátira cruel ao americano médio. Muitas pessoas acreditavam que ele era mesmo um repórter e participavam inocentemente das filmagens. Comédia de Larry Charles, que repetiria a fórmula com o personagem Brüno. *Borat* estreou no ano de 2007.

---

<sup>6</sup> Do inglês “culto” é a denominação dada a produtos da cultura popular que possuam admiradores e consumidores mesmo após não estar mais em evidência

### G) A morte de George W. Bush

Filme inglês que mostra as investigações sobre a morte do então - o filme é de 2008 - presidente dos Estados Unidos. Interessante por mostrar o que poderia acontecer nesta eventualidade, provavelmente gerando mal entendidos com nações muçumanas e muitas teorias conspiratórias. Dirigido por Gabriel Range.

### 3 – *The Office*: o Humor do Cotidiano



Fig. 01. Imagem promocional de uma das temporadas.

*The Office* é uma série televisiva de comédia exibida pela NBC, uma adaptação da série britânica *The Office* da BBC. Sua trama é baseada na rotina de escritório dos funcionários da *Dunder Mifflin*, uma empresa de papel em Scranton, Pensilvânia. O seriado estreou em março de 2005 e encontra-se atualmente no ar, já na sétima temporada. Entre seus personagens, destacam-se: Michael Scott (Steve Carell), gerente da filial na Pensilvânia, um sujeito alegre e utópico, muito sistemático e que se julga amigo de todos; Dwight Schrute (Rainn Wilson), assistente do gerente, é um excelente vendedor, se acha superior a todos com sua personalidade autoritária e grosseira, mas, também ingênua. Jim Halpert (John Krasinski), talvez o mais simpático e esperto do escritório. O programa é vencedor de grandes prêmios de sua categoria, como o *Television Critics Association Awards*, onde ganhou o título de Melhor Série de Comédia, em 2006; e o *Screen Guild Actors Awards*, vencido em 2007 e 2008 como Melhor Elenco em Série de Comédia. O humor da atração é amplamente extraído e apoiado em seu formato de falso documentário. Ou seja, a maioria das cenas, inclusive



as cômicas, já são planejadas tendo em vista as possibilidades que o *mock-documentary* traz para a narrativa. A série funciona da seguinte forma: é estabelecida a verdade de que uma equipe de filmagem decidiu registrar o cotidiano dos funcionários da empresa *Dunder Mifflin*. Dessa forma, a maioria das cenas acontece dentro de um escritório (daí o nome do programa). A partir desse contexto, os conflitos do seriado se desenvolvem aproveitando os códigos do documentário para tanto. Tendo em vista a necessidade e o objetivo de deixar a história parecer a mais real possível, algumas convenções são utilizadas. O uso de trilha sonora é muito raro, pois obviamente, um escritório normal vive no silêncio. E o silêncio é uma das armas fortes para o humor de *The Office*. Um exemplo disso é quando Michael Scott, o gerente, faz seus anúncios para todos ouvirem e não obtém nenhuma resposta. Na verdade, não se usa exatamente o silêncio, a sensação recebida pelo espectador é apenas de continuidade, de um dia normal de trabalho, já que o som ambiente de um escritório é silencioso por si só. Um dos recursos mais clássicos do gênero documentário, a entrevista, também tem presença importante na trama. Durante os episódios, há cortes para os funcionários dentro de uma sala, muitas vezes respondendo sobre o que estavam fazendo na cena anterior.



Fig 02. Cena de entrevista.

Pontos de giro na história de um episódio muitas vezes são conseguidos com sutilezas, como olhares para a câmera e surpresas dos funcionários ao perceberem que estão sendo filmados.



Fig 03. Olhar direcionado para a câmera.

O atraso proposital para o corte de uma cena para outra também reforça o caráter de realidade e serve para causar mais comicidade. Dessa forma, grandes ferramentas do gênero seriado de comédia, como presença de platéia, aplausos e risadas de fundo são necessariamente descartados. Em outras palavras, o triunfo de *The Office* se encontra no saber lidar com diversas emoções da maneira mais realista e natural possível. A vergonha alheia conseguida, por exemplo, é tão forte que incomoda até quem assiste. Não só pelo formato *mock*, mas, com certeza também por ele, *The Office* consegue seu sucesso no cenário cômico seriado atual.

### Conclusão

O gênero cinematográfico do documentário possui um amplo campo de estudos, com variados pontos de vista que podem abordar a história do formato, a história de seus conteúdos trabalhados, longos debates sobre as formas de tratamento da realidade de cada produto, comparações clichês acerca de cinema de ficção e cinema de realidade, discussões sobre a manipulação empregada sobre as imagens; enfim, a lista de possibilidades é longa. Aqui, busca-se uma análise mais técnica, que tange os diversos processos na realização de um filme. O que está em jogo são os códigos e convenções típicos do gênero documentário, que o permitem receber tal nome. Assim, estudar os processos de entrevista, as formas como os enquadramentos são compostos para destacar a sensação de realidade, o emprego do olhar direcionado a câmera propositalmente, o grande aproveitamento do som ambiente e o uso do “suposto” cinegrafista por trás da imagem como elemento da narrativa; significa ampliar as possibilidades narrativas da trama. Dessa maneira, nota-se quão rico é o formato *mock-documentary*, e como sua extensão à narrativa seriada é inteligente. O exemplo estudado, *The Office*, é perfeito para tal análise, sobretudo no gênero cômico. Se o



*mock-documentary* não possui um objetivo fixo, variando desde tentativas de convencer o espectador da realidade proposta (*This is Spinal Tap*), desenvolvimento de situações improváveis (A Morte de George W. Bush), e a extensão do cinema de suspense (A Bruxa de Blair, Cloverfield, Atividade Paranormal); *The Office* têm seu posto garantido na busca do humor cotidiano. Se, por um lado, o *mock-documentary* não é algo muito novo na indústria do audiovisual, como se comprova nos exemplos do filme *Zelig* (1983) de Woody Allen, seu aproveitamento no formato seriado ainda é recente. E os números e prêmios de *The Office* são ótimos argumentos para que sua estadia na indústria seriada dure bastante.

## Referências

### Filmografia

ALLEN, Woody. **Zelig**. Estados Unidos: Orion Pictures Corporation, 1983.

CHARLES, Larry. **Borat**. Estados Unidos: Fox, 2007.

PELI, Olen. **Atividade paranormal**. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2007.

RANGE, Gabriel. **Morte de George w. Bush, A**. Reino Unido: Borough Films, Channel 4 Television Corporation, Chicago Borough Films, 2006.

REEVES, Matt. **Cloverfield**. Paramount Pictures, 2008.

REINER, Rob. **This is spinal tap**. Estados Unidos: Spinal Tap Prod., 1984.

SÁNCHEZ, Eduardo, MYRICK, Daniel. **Bruxa de Blair, A**. Estados Unidos: Haxan Films, 1999.

SILVERMAN, Ben e DANIELS, Greg. **The Office**. Estados Unidos: Reveille Productions, NBC Universal Television, Deedle-Dee Productions ,2005.

### Bibliografia

HAMPE, B. **Making documentary films and reality vídeos**. Nova York: Henry Holt and Company, 1997.

MOURA, E. **Câmera na mão, som direto e informação**. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

ROSCOE, Jane. HIGHT, Craig. **Faking it: Mock-documentary and the subversion of factuality**. Manchester: Manchester University Press, 2001.

PUCCINI, Sergio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

WIKIPEDIA, **The Office (EUA)**. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Office\\_%28EUA%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Office_%28EUA%29)>. Acesso em 31.março.2011.